



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELOS INDÍGENAS GUAICURUS FRENTE À  
COLONIZAÇÃO EUROPEIA NA BACIA PLATINA EM FINS DO SÉCULO XVI.**

**VITOR SCHULZ DE ALMEIDA**

Foz do Iguaçu  
2025

**AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELOS INDÍGENAS GUAICURUS FRENTE À  
COLONIZAÇÃO EUROPEIA NA BACIA PLATINA EM FINS DO SÉCULO XVI.**

**VITOR SCHULZ DE ALMEIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Bonato

Foz do Iguaçu  
2025

VITOR SCHULZ DE ALMEIDA

**AS ESTRATÉGIAS ADOTADAS PELOS INDÍGENAS GUAICURUS FRENTE À  
COLONIZAÇÃO EUROPEIA NA BACIA PLATINA EM FINS DO SÉCULO XVI.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Tiago Bonato  
UNILA

---

Prof. Dr. Tiago Costa Sanches  
UNILA

---

Prof. Dr. Clovis Antonio Brighenti  
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, 14 de março de 2025.

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram e não me deixaram desanimar nos momentos difíceis.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador, não só pela constante orientação neste trabalho, mas por toda sua contribuição durante os anos de graduação que me inspiraram a escolher esse recorte de pesquisa. Sobretudo, agradeço pela amizade durante esses anos de IC e TCC, e principalmente por ter me proporcionado outra visão de mundo a partir da pesquisa histórica. Estendo o agradecimento também a todos os professores que participaram da minha formação, desde os primeiros anos do ensino básico até os últimos semestres da faculdade, pois todos têm parte nessa conquista.

Aos colegas de curso, agradeço pela amizade e parceria que construímos ao longo desses anos de graduação. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, a união e o apoio mútuo tornaram essa jornada mais leve e prazerosa. Um agradecimento especial aos amigos André, Renan e Vanzella, que estiveram ao meu lado desde o início dessa jornada e foram essenciais nas turbulências enfrentadas pelo caminho, proporcionando o apoio e a descontração necessários. Ao meu amigo Luann, fica o meu agradecimento pela dupla que formamos nas escolas, tanto no PIBID quanto no Estágio. Sua parceria, que vai além da sala de aula, foi fundamental durante essa caminhada.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais, Jefferson e Marizete, por todo o apoio incondicional ao longo desses anos, pelos puxões de orelha e pela confiança que sempre tiveram em mim. Meus primeiros professores, agradeço pela inspiração diária e por me guiarem no caminho da educação, no qual sigo seus passos com orgulho. Tudo o que sou hoje eu devo a vocês, e jamais conseguirei expressar em palavras a gratidão que sinto por tê-los na minha vida.

*tan dañina a españoles. entrándoles tantas veces a sus chacaras, ya cometiendo otras a la asumpcion y a la Ciudad de las corrientes robándoles yndios e hijos hasta Vna herma. del gobernador. Hernando arias, lleuándoles el ganado y Cauillos, quemándoles las sementeras, y haciéndoles desamparar muchas tierras que estan a la orilla del rio sustentado. guerra mas de sesenta años siendo su nombre entre españoles. Tan odioso como el del mesmo demo*

**Diego de Torres**

## RESUMO

O presente trabalho teve como principal fonte o documento intitulado “*Proceso de oficio de la Real Justicia a varios indios por asaltos y crímenes cometidos a los vecinos encomenderos en el pueblo de Curucaen*”, produzido no ano de 1592 e conservado no *Archivo Nacional de Asunción*. Apesar do título, trata-se na verdade de um processo crime movido pela Real Justiça contra os *encomenderos*, que após terem os indígenas de suas *encomiendas* atacados por indígenas guaicurus, não tomaram as devidas providências perante a Coroa. A partir da investigação da fonte pela chave de leitura das agências indígenas, foi possível analisar algumas das estratégias traçadas pelos indígenas guaicurus frente ao processo colonial. São elas: o ataque aos indígenas Guaranis *encomendados*; a adoção do cavalo europeu; a relação comercial com os espanhóis; e uma articulação com o governador da cidade de Asunción. Ademais, o trabalho possibilita compreender a complexidade do mundo colonial para além da dicotomia existente entre europeus e indígenas, explicitando as diferentes relações sociais que os sujeitos históricos exerciam entre si.

**Palavras-Chave:** Paraguai colonial; agência indígena; Guaicurus; Guaranis; século XVI.

## RESUMEN

El presente trabajo tuvo como principal fuente el documento titulado "Proceso de oficio de la Real Justicia a varios indios por asaltos y crímenes cometidos a los vecinos encomenderos en el pueblo de Curucaen", producido en el año de 1592 y conservado en el Archivo Nacional de Asunción. A pesar del título, en realidad se trata de un proceso penal promovido por la Real Justicia contra los encomenderos, quienes, después de que los indígenas de sus encomiendas fueran atacados por los indígenas guaicurús, no tomaron las debidas providencias ante la Corona. A partir de la investigación de la fuente mediante la clave de lectura de las agencias indígenas, fue posible analizar algunas de las estrategias trazadas por los indígenas guaicurús frente al proceso colonial. Estas son: el ataque a los indígenas guaraníes encomendados; la adopción del caballo europeo; la relación comercial con los españoles; y una articulación con el gobernador de la ciudad de Asunción. Además, el trabajo permite comprender la complejidad del mundo colonial más allá de la dicotomía existente entre europeos e indígenas, explicitando las diferentes relaciones sociales que los sujetos históricos ejercían entre sí.

**Palabras clave:** Paraguay colonial; agencia indígena; Guaicurús; Guaraníes; siglo XVI.

## ABSTRACT

The main source for this work was the document titled "Proceso de oficio de la Real Justicia a varios indios por asaltos y crímenes cometidos a los vecinos encomenderos en el pueblo de Curucaen," produced in 1592 and preserved in the Archivo Nacional de Asunción. Despite the title, it is actually a criminal case brought by the Real Justicia against the encomenderos, who, after their indigenous encomienda members were attacked by Guaicurú indigenous people, failed to take the proper steps before the Crown. Through the investigation of the source using the key of indigenous agency, it was possible to analyze some of the strategies employed by the Guaicurú indigenous people in response to the colonial process. These include: the attack on the Guaraní encomiendas; the adoption of the European horse; trade relations with the Spanish; and an alliance with the governor of the city of Asunción. Furthermore, the work enables an understanding of the complexity of the colonial world beyond the existing dichotomy between Europeans and indigenous people, making explicit the different social relationships that historical subjects exercised among themselves.

**Keywords:** Colonial Paraguay; indigenous agency; Guaicurús; Guaranis; 16th century.

## 1. INTRODUÇÃO

Tão odiosos quanto o próprio demônio entre os espanhóis, os Guaicurus eram uma etnia indígena guerreira que habitava o território do Chaco. Além de seu *ethos* belicoso, eram caçadores-coletores nômades, e possuíam com outros grupamentos indígenas sedentários uma relação de vassalagem, onde encontravam um de seus meios de subsistência. Após o primeiro contato com os europeus, se apropriaram dos novos elementos culturais e aprimoraram sua forma de guerrear, levando-os a ficar conhecidos como os maiores inimigos da cidade de Asunción. Um dos principais elementos assimilados foi o cavalo europeu, fato esse que fez com que fossem conhecidos como indígenas cavaleiros, o que causou grande reestruturação social deste grupo. Com o passar dos séculos e o avanço da frente colonizadora, essa etnia sofreu diversas transformações, como por exemplo a migração do Chaco para o Pantanal e a adoção do sedentarismo. Inimigos seculares dos espanhóis, lutaram na Guerra do Paraguai junto das tropas brasileiras, e como recompensa receberam o direito à Terra Indígena que habitam hoje, conhecidos como Kadiwéu em lugar do termo Guaicuru.

No ano de 1589, os Guaicurus e Guatatás assaltaram as *encomiendas* do povoado de Curucaen. Roubaram gado e cavalos, mataram Guaranis encomendados e cativaram alguns indígenas. Os capturados foram levados para Asunción, onde foi exigido dos *encomenderos* o resgate por suas *piezas*. Três anos depois, no dia 1º de setembro do ano de 1592, o Governador da cidade de Asunción, Hernandarias de Saavedra, abriu um processo criminal contra seis *encomenderos* que tiveram suas *encomiendas* assaltadas pelos Guaicurus. O processo crime descrito está conservado no *Archivo Nacional de Asunción*, e foi utilizado como fonte para este trabalho.

Por muito tempo, a historiografia pouco deu importância a História Indígena, dando ênfase somente à narrativa europeia da colonização, que trata os povos indígenas do novo mundo como selvagens resistentes à civilização. A concepção de resistência indígena no período colonial traz consigo a ideia do indígena como objeto de dominação, capaz apenas de resistir, como espectador de seu destino traçado pelos europeus (Gerardo, 2021). Entretanto, esse método eurocêntrico e colonialista de se pensar a ciência histórica vêm perdendo espaço com o avanço das discussões acerca da agência indígena. Esse conceito tem por objetivo analisar os povos indígenas como sujeitos históricos, capazes de se articular em razão de sua sobrevivência como etnia ou em benefício próprio, sendo assim agentes diretos de seu destino e não alheios às vontades dos europeus colonizadores (Gerardo, 2021).

A partir da fonte descrita e analisada pela chave de leitura das agências indígenas, a presente pesquisa acompanha as mais recentes discussões historiográficas no campo da História Indígena, e tem como objetivo compreender as estratégias traçadas pelos Guaicurus frente ao processo de

colonização espanhola na bacia platina no fim do século XVI. Para esta investigação, é necessário que seja levado em consideração os diversos atores sociais do período, como as várias etnias nativas e os diferentes grupos colonizadores protagonizaram a trama de suas próprias vontades para além da dicotomia entre europeus e indígenas, e assim tornam muito mais complexo o mundo colonial.

Dessa forma, o presente trabalho está dividido em quatro partes. Num primeiro momento, será discutido brevemente o contexto administrativo colonial espanhol, junto ao estabelecimento das *encomiendas*. Em seguida, será analisada a etnia Guaicuru e mapeados os primeiros relatos, a fim de mostrar sua história no contexto colonial. Na terceira parte, será realizada a análise da fonte a fim de explicitar as estratégias adotadas por essa etnia indígena frente à colonização. Por fim, será realizada uma reflexão frente à complexidade do período colonial como conclusão para este trabalho.

## **2. O contexto colonial espanhol e as *encomiendas*.**

Desde os princípios da conquista espanhola, a administração do continente recém invadido se mostrou um desafio. Seja pela longa distância entre Madri e as Índias, ou pelo simples fato de que a América recém descoberta não era um espaço em branco em que se poderia reorganizar conforme às vontades da Coroa, mas se tratava de um imenso território composto por inúmeras sociedades tão complexas quanto as do velho continente. Dentro desse panorama, os europeus recém chegados somavam uma em meio às milhares de vontades que constituíam o Novo Mundo.

No ano de 1596, Diego de Encinas publicou o *Cedulario Indiano*, que compilava todas as leis e provisões reais acerca do continente americano. Excluindo aquelas em desuso ou já revogadas, cerca de 3.500 leis foram publicadas no primeiro século de colonização, que buscavam a melhor administração do território recém subordinado. Entretanto, essas leis representam muito mais o que a Coroa idealizava para as Índias do que a realidade era na colônia (Elliot, 1998. p.292).

Além das etnias indígenas estabelecidas nas regiões invadidas pelos espanhóis, há também que se considerar as diferentes vontades dentro dos grupos de europeus colonizadores. Apesar de todos serem súditos da mesma Coroa, os espanhóis protagonizaram suas próprias disputas de poder: Governadores, encomenderos, padres, conquistadores, colonos, oidores, todos esses atores sociais estavam inseridos no mesmo contexto colonial e subjugados à mesma subordinação. Mas isso não significa que estivessem em harmonia pela mesma causa. De acordo com Elliott:

deve ser atribuído sobretudo ao caráter de um sistema que foi por demais vitorioso em sua determinação quase obsessiva de impedir a excessiva concentração de poder num único ponto. Não havia nenhuma necessidade de desafiar o poder real diretamente quando se podia arquitetar com sucesso um

desafio indireto mediante o aproveitamento das fraquezas de um sistema no qual o poder estava tão cuidadosamente disperso. (Elliott, 1998. p.288).

De certo modo, o cuidado com que a Metrópole distribuiu poder entre as esferas administrativa, militar, eclesiástica, jurídica, e financeira no continente americano foi o que garantiu a soberania da Coroa espanhola entre seus súditos. O poder distribuído dessa forma fazia com que cada agente de autoridade pudesse supervisionar as demais. Entretanto, essa mesma dispersão deixou brechas entre as esferas burocráticas, o que permitiu uma série de manobras que adaptaram as leis escritas e sancionadas em Madri para a realidade colonial da América (Elliott, 1998. p.288). Segundo Elliot, o caráter fragmentado da autoridade era “uma das mais notáveis características da América espanhola”. De acordo com o autor, externamente o poder real era absoluto, entretanto a grande quantidade de ordens emitidas pelo conselho das Índias não necessariamente chegava nas Américas:

Mas na prática havia tanta manobra pelo poder entre os diferentes grupos – entre os vice-reis e as *audiencias*, entre os vice-reis e os bispos, entre o clero secular e o regular, e entre os governadores e os governados – que as leis inoportunas, embora olhadas com deferência devido à fonte que emanavam, não eram obedecidas, enquanto a própria autoridade era filtrada, mediada e dispersada. A presença do Estado, portanto, apesar de permear tudo, não comandava tudo. As certezas de Madri eram dissolvidas nas ambiguidades da América. (Elliott, 1998. p. 299)

Dentro dessa realidade, surgem as *encomiendas*, que eram uma mercê da Coroa espanhola aos seus conquistadores. Cedidas como retribuição pelos serviços prestados, as mercês de *encomiendas* eram dadas aos espanhóis pelos territórios e povos conquistados. A partir dessas mercês, os *encomenderos* tinham uma concessão Real para a cobrança de tributos dos indígenas subjugados. Em sua grande maioria, esses tributos eram cobrados em forma de exploração da mão de obra indígena. Entretanto, a tributação também poderia ser cobrada em forma de moeda ou produtos nativos. Em contrapartida, os *encomenderos* tinham o dever de catequizar e proteger os indígenas *encomendados* (Inocêncio, 2022. p.31-32). No Velho Mundo, a bula papal de 1537 proibia a escravização dos indígenas e reconhecia sua plena liberdade. Entretanto, na ambiguidade colonial, os indígenas não deixaram de ter sua força de trabalho explorada e serem vítimas de maus tratos dentro das *encomiendas*. (Inocêncio, 2022. p.15).

Fundada às margens do rio Paraguai no ano de 1537, Asunción era uma cidade periférica dentro da colônia espanhola no século XVI. Longe das minas de prata do México e do Peru, seu desenvolvimento se deu após o início da exploração da erva-mate, no início do século XVII. A representatividade da Coroa em Asunción - assim como nos territórios mais distantes - se dava na

figura do Governador, que possuía obrigações judiciais, administrativas e militares. Essa titulação fora designada a vários dos conquistadores espanhóis, e dava-os também o direito de usufruir das terras e dos indígenas que ali estavam, o que acabava por funcionar como um estímulo às expedições de conquista, especialmente em lugares mais remotos, onde as governadorias permaneceram por mais tempo. (Elliott, 1998. p.289). Ao tomar em consideração o recorte territorial do que hoje é o Paraguai, a realidade das *encomiendas* era que a maioria dos indígenas eram Guaranis, que tinham sua mão de obra utilizada na extração da erva-mate, nativa dessa região (Inocêncio, 2022. p.40). Apesar de somarem a maioria dos indígenas *encomendados*, os Guaranis eram tidos como vassallos do rei, e portanto aliados dos espanhóis (Inocêncio, 2022. p.24).

As alianças entre etnias indígenas e europeus eram imprescindíveis para a sobrevivência dos colonizadores no novo território, seja pela incapacidade de locomoção, alimentação ou até mesmo de defesa. Os europeus recém chegados eram dependentes dos guias nativos que conheciam o território, pois sem eles, pouco adentrariam o continente, se é que sobreviveriam tempo o suficiente para isso após o desembarque. O estudo das relações coloniais entre indígenas e europeus indicam alianças, o que é bastante debatido pela historiografia acerca da conquista da região do México. Entretanto, a aliança entre espanhóis e Guaranis foi igualmente fundamental para a colonização da Bacia Platina.

Do mesmo modo que os europeus, os grupos indígenas também encontravam vantagens nas alianças feitas. Ao tomarmos, no México, a participação dos nativos aliados dos espanhóis nas campanhas seguintes à invasão, a curto prazo, frequente era a exploração da presença espanhola para defesa de seus interesses na região. Um ótimo exemplo é a participação dos guerreiros nauas nas campanhas incursionistas que ajudaram a criar o vice-reino da Nova-Espanha. Apesar de ter resultado, a longo prazo, na disseminação do poderio espanhol, essas campanhas muito se assemelham a uma continuação do expansionismo asteca, que já se manifestava desde um século antes da chegada dos europeus (Restall, 2006. p.212).

Essas dinâmicas também podem ser observadas na região platina, pois assim como outros grupos indígenas, os Guaranis também aproveitaram a presença espanhola na região para defender os seus interesses. Uma das estratégias traçadas foi a de induzir os espanhóis a infiltrar no continente passando por territórios de etnias inimigas, provocando ataques contra as expedições invasoras, e assim fazendo com que os conquistadores passassem a possuir os mesmos inimigos que os seus aliados nativos. Um desses casos foi o dos Guaicurus, que eram inimigos seculares dos guaranis e consequentemente inimigos dos espanhóis. Segundo a autora Branislava Susnik:

El Guaraní era considerado “amigo” de españoles; este primer status político de amistad se negaba a los chaqueños y a otras tribus en el área de las travesías hacia El Dorado; estas tribus no eran más que “esclaverías”, generaciones

rebeldes, hostiles y potencialmente traicioneras; desde los comienzos de la conquista, la orilla occidental del R. Paraguay era la frontera “de los enemigos”, perpetuándose así la vieja pauta guaraní precolombina. (Susnik, 1971. p.9)

### 3. A etnia Guaicuru e os primeiros relatos.

O termo Guaicuru, apesar de já disseminado na historiografia platina, resulta de uma grande confusão das nomenclaturas antigas. Conhecidos assim pelos Guaranis, foram apresentados aos espanhóis sob esse mesmo nome, o que pouco condiz com a identificação étnica desse povo. “Guaicuru” é um apelativo pejorativo que advém do Guarani, e foi utilizado para se referir aos indígenas inimigos que habitavam a margem ocidental do rio Paraguai, entre os rios Pilcomayo e Yabebiri, fazendo pouca – ou nenhuma – distinção entre os diferentes grupos que ali existiam (Herberts, 1998. p.41). De acordo com Boggiani: “Guá es partícula que lleva consigo el significado de gente, habitante, nativo; Aí quiere decir malvado, malo, falso, traidor; Curú significa sarna, suciedad de la piel, y, por conseguinte icurú - sarnoso, sucio. De todo lo cual deriva: Guá-ai-icurú o sea, gente malvada y sucia” (Boggiani, 1898. p.112).

Nos primeiros anos da conquista, o termo Guaicuru foi utilizado de maneira errônea para se referir ao que acreditavam ser um só grupo étnico específico, entretanto sabemos que eram chamados assim diferentes grupamentos indígenas que habitavam o território do Chaco (Susnik, 1971. p.12). Além de habitarem o mesmo território, esses povos fazem parte do que hoje chamamos de família linguística Gwaikuru, e tinham semelhanças entre seus idiomas, seu ethos belicoso, alguma similaridade cultural, estruturas sociais parecidas e a adoção da equitação. São esses: Abipones, Mocovies, Tobas, Pilagás, Paiaguás, Mbayás e Guasarapos (Susnik, 1971. p.18). Esses diferentes grupos pleiteavam as incursões chaquenas em territórios guaranis em época de colheita e desconfiavam uns dos outros quando haviam expedições punitivas espanholas. Entretanto, frequentemente eram aliados em expedições guerreiras contra os colonizadores da bacia platina (Susnik, 1971. p.12). Ao norte do rio Paraguai, havia também os que os Guaranis chamavam de Mbayás, o que acabou por criar uma diferenciação entre os Guaicurus do sul, vizinhos – e inimigos – de Asunción, e os Mbayá do norte.

Uma das hipóteses que explica a divisão ocorrida dentre os Guaicurus, é a de uma migração anterior a conquista, cruzando o rio Pilcomayo, e adentrando o Chaco Boreal, onde teriam se dividido os que ocupariam os territórios ao sul – Guaicurus – e os que habitariam o norte – Mbayás. Essa subdivisão, naturalmente, ocasionou particularidades culturais, uma vez que suas relações étnicas

foram diferentes. Entretanto, os diferentes grupos compreendiam fazer parte da mesma etnia (Herberts, 1998. p.43).

O primeiro registro da etnia Guaicuru data do ano de 1542, quando Cabeza de Vaca chega na cidade de Asunción e os Guaranis queixam-se perante o governador de que haviam indígenas valentes e guerreiros que habitavam a outra margem do rio Paraguai, que assaltavam suas plantações em tempos de colheita, roubavam suas caças, e viviam às custas do que produziam os Guaranis vassalos da Coroa. Por esse motivo pediam ao governador que se fizesse guerra contra os Guaicurus. Para manter a paz com os Guaranis, o governador acatou o pedido e partiram de Asunción duzentos arcabuzeiros e balisteiros e mais doze a cavalo, que se juntaram com esquadrões de Guaranis para guerrear contra seus inimigos, totalizando um batalhão de dez mil homens, que se seguia por uma légua (Cabeza de Vaca, 1987. p.150-155). Apesar de cercados, os aproximadamente quatro mil guerreiros Guaicurus lutaram bravamente, fazendo com que muitos Guaranis fugissem dali por medo de seus inimigos já conhecidos. Entretanto, ao se depararem pela primeira vez com cavalos, ficaram espantados, e fugiram por medo das bestas (Cabeza de Vaca, 1987. p.158). Dias depois dos ataques, segundo relato de Cabeza de Vaca, alguns Guaicurus vieram a Asunción prestar sua obediência aos espanhóis, pois em toda sua história, jamais outro povo havia os derrotado, exceto os espanhóis. Entretanto, a subordinação não se estendia aos Guaranis, pois estes jamais haviam derrotado os Guaicuru. Após esse momento, de oito em oito dias os Guaicurus iam a Asunción carregados de carne de veado, porco, pescado, couros e mantas, e realizavam trocas com espanhóis e Guaranis, que forneciam milho, mandioca, frutas e arcos e flechas. Essas negociações podiam levar até dois dias e envolver quase duzentas canoas atravessando o rio Paraguai com os produtos trocados (Cabeza de Vaca, 1987. p. 163-165).

No ano de 1548, Ulrich Schmídel fez parte de uma expedição que também partiu de Asunción, mas desta vez em busca de ouro e prata. Segundo Schmídel, o governador Irala levou consigo a força de trezentos espanhóis, cento e trinta cavalos e três mil Guaranis (Schmídel, 2017. p.196). Após nove dias, a expedição espanhola se encontra com os indígenas Mbayás, os quais lhe oferecem – com segundas intenções – abrigo para a noite e suprimentos. Entretanto, no outro dia pela manhã, foram surpreendidos por vinte mil guerreiros desse povo, o que pouco adiantou frente ao cavalo e o arcabuz, resultando na perda de mil homens indígenas. Os que sobraram bateram em retirada, o que resultou numa perseguição de três dias e duas noites até que se encontrassem novamente com os indígenas Mbayás. Entre homens, mulheres e crianças, cerca de três mil indígenas foram mortos ou cativados pela expedição espanhola. Posteriormente, os espanhóis são levados até os Chanés, que são retratados como “*vasallos o súbditos*” dos Mbayás (Schmídel, 2017. p.197-199).

Os relatos acima, de Schmídel e Cabeza de Vaca, são alguns dos primeiros registros da etnia Guaicuru, provenientes da década seguinte à fundação da cidade de Asunción. Nessas fontes, é possível atestar a fala de Restall sobre como os indígenas aproveitavam a presença espanhola para realizar movimentações militares que visavam atender pautas anteriores à chegada dos conquistadores (Restall, 2006. p.213). Ótimos exemplos são as movimentações militares dos Guarani junto dos – poucos – espanhóis contra os Guaicurus, e posteriormente dos Mbayá. Além das movimentações militares, também é evidente a preocupação espanhola em “manter a paz” com os Guarani, pois em épocas em que o acesso à cidade espanhola era muito difícil, e a principal rota via *Rio de la Plata* estava impossibilitada devido ao despovoamento de porto – e cidade – de Buenos Aires, a sobrevivência da cidade de Asunción dependia diretamente desses nativos. Ademais, podemos perceber nas fontes acima a presença de alguns elementos culturais importantes na etnia Guaicuru, como a sua tradição de indígenas guerreiros – muito enfatizado nos dois relatos – e o modo com que se relacionavam com outras etnias indígenas, sobretudo os Guarani e os Chané.

Os indígenas Guaicurus tinham, em seu mito de criação, a justificativa para suas relações violentas com outras etnias: Caracará, após criar o mundo, tirou os povos de um buraco e a cada um presenteou com um item: uns ganharam enxadas e viraram agricultores, outros viraram artesãos, etc. Para os Guaicurus, últimos a saírem do buraco, não restou nada, e assim foram habilitados a tomar posse violentamente dos meios de subsistência de outros povos (Susnik, 1978. p.79).

Em busca de seus meios de subsistência e recursos naturais, a relação com outras etnias indígenas era de hostilidade constante (Herberts, 1998. p.44). Tinham com os Chané uma relação de vassalagem, como reforça a fonte de Schmídel, que os retrata como “*vasallos o súbditos*” dos Mbayá (Schmídel, 2017. p.199). Realizavam também ocupações periódicas em território Guarani, sobretudo em épocas de colheitas, em que se aproveitavam de seus cultivos e locais de caça e pesca (Susnik, 1978. p.80).

Desde o primeiro contato, as relações com os espanhóis foram de violência, como evidenciam as fontes anteriores. A paz selada entre os Guaicuru e o governador de Asunción pouco prevaleceu, à medida que os indígenas continuaram atacando os campos Guaranis e passaram também a atacar as primeiras estâncias *crioullas* e a cidade de Asunción. A partir da relação comercial estabelecida com Asunción – e de seus constantes saques – os Guaicurus puderam adquirir os novos elementos culturais europeus que ofereceram um novo poderio bélico para esse povo, como o metal para a ponta das flechas, facas e sobretudo o cavalo europeu (Herberts, 1998. p.45). De maneira geral, os Guaicurus reproduziam com os espanhóis as hostilidades com que se relacionavam com outros povos desde muito antes da conquista, exceto que agora possuíam recursos bélicos que os capacitou a melhores resultados em suas incursões.

#### 4. Análise da fonte e as estratégias Guaicurus.

A partir da análise da fonte intitulada “*Proceso de oficio de la Real Justicia a varios indios por asaltos y crímenes cometidos a los vecinos encomenderos en el pueblo de Curucaen*”, foi possível compreender melhor as estratégias adotadas pelos Guaicurus frente à colonização europeia. O documento foi produzido no ano de 1592 e está conservado no *Archivo Nacional de Asunción*. Para que fosse possível a investigação dessa fonte, foi necessário realizar a transcrição paleográfica do documento, que é a técnica empregada para a leitura de manuscritos antigos e a reescrita para nossa grafia atual, tornando mais fluida a leitura. Após a análise do documento transcrito, pude constatar que trata-se na verdade de um processo crime movido pela Real Justiça contra alguns encomenderos, que após terem os indígenas de suas encomiendas atacados por indígenas guaicurus, não tomaram as devidas providências perante a Coroa. Para realização dessa pesquisa, o documento foi analisado sob a chave de leitura das agências indígenas.

O processo crime escolhido para análise foi produzido no ano de 1592, entretanto os fatos narrados no documento ocorreram três anos antes, em 1589. O processo tem início quando os indígenas Guaicurus e Guatatas atacam o povoado de *Curucaen*, matam e cativam os indígenas encomendados. Após o ataque, os Guaicurus foram até a cidade de Asunción cobrar resgate pelas *piezas* tomadas. Os encomenderos, que tinham por obrigação garantir a segurança dos indígenas encomendados, não tomaram as providências necessárias perante a justiça, e por esse motivo estavam sendo processados:

dijo que como es publico y notorio en esta ciudad que los yndios guaicurus y guatas abra tres años poco mas o menos que [ileg] y asolaron el pueblo de yndios que estava en cururucaen [...] y mataron muchos yndios y indias y criaturas y cautivaron muchos dellos. y trajeron de las piezas a vender a esta ciudad y de tal manera asolaron y destruyeron el dicho pueblo. Y que los vezinos encomenderos delos dichos yndios del dicho pueblo teniendo obligacion de volver y procurar por Los yndios de su encomienda y ser cosa que tanto su magestad les encargo no an hecho diligencia alguna ny procurado ny pedido el agravio que asi se hizo a los dichos yndios contra los dichos guaicurus puesto que an venido muchas vezes a esta ciudad arrescatar y vender las dichas piezas por la qual los dichos encomenderos an yncurrido en graves penas y de castigo por no aver acudido a la obligacion que tienen de volver por sus yndios [...] y castigarles por la rremision y descuido que an tenido para que

otros rreciuan exemplo y no se descuiden en cosa q tanto su magestad les encarga hizo la presente cabeza de proceso y tenido la ynformacion siguiente con provocacion de hazer justicia conforme hallare por dios (Processo Crime, 1592. p.1)

Para além da dicotomia entre europeus e indígenas, é perceptível a ação de diversos sujeitos inseridos no mundo colonial. A partir desse cenário – em que encomenderos espanhóis são processados pelo governador de Asunción por não terem protegido os indígenas Guaranis de suas encomiendas dos ataques de indígenas Guaicurus – podemos contemplar um panorama em que tanto colonizadores quanto nativos não representam apenas duas frentes distintas, mas uma multiplicidade de interesses que refletem a complexidade estabelecida no mundo colonial.

A partir da concepção metodológica das agências indígenas, a fonte nos permite identificar algumas das estratégias que foram adotadas pelos Guaicurus frente à colonização. A primeira das estratégias presentes na fonte que abordaremos aqui é o ataque aos indígenas Guaranis encomendados. A aproximação dos Guaranis com espanhóis representava aos Guaicuru um avanço étnico desse grupo, devido ao grande número de acompanhantes Guaranis nas expedições espanholas. Além de colocar em risco a sobrevivência dos Guaicuru, essa aliança poderia ser percebida como um fator que afetaria todo o equilíbrio entre os povos indígenas da região (Susnik, 1971. p.9). Somando-se a necessidade de adquirir novos elementos culturais introduzidos pelos europeus, como por exemplo o metal, o ataque aos indígenas encomendados foi uma das formas encontradas pelos Guaicurus para se opor ao processo colonial e frear o avanço étnico Guarani. No início do processo, Miguel Carrera, vizinho da cidade de Asunción, foi tido como uma das testemunhas dos ataques dos Guaicuru aos indígenas encomendados. Em seu depoimento, Carrera afirma que:

y que los dichos yndios por yr al camino por el dicho pueblo de cururucaen dormieron por la noche que vieron los dichos guaicurus y guatatas en lo dicho pueblo y que estos dos yndios se escaparon y fueron a dar aviso a este testigo y que luego otro dia fue el testigo y Juan con hasta quarenta yndios a ver lo que esta y que hallaron el dicho pueblo todo quemado y que vil y conto el testigo ciento y treinta y siete cuerpos muertos [...] avian huido dezian los yndios que avian muchos cuerpos muertos y que salieron algunos yndios de los montes heridos y maltratados (Processo crime, 1592. p.5)

Ao analisar este depoimento, podemos obter algumas informações importantes sobre a forma com que os Guaicurus realizavam suas incursões: os ataques ocorriam durante a noite, matavam um grande número de indígenas, incineravam seus corpos e queimavam suas casas. Além disso, muitos indígenas eram cativados pelos Guaicurus e levados a Asunción para que fosse cobrado o resgate,

como evidencia o seguinte trecho que dá sequência ao depoimento: “avian traydo los dichos guaicurus piezas a vender de las que avian cautivado del dicho pueblo” (Processo crime, 1592. p.5). Apesar dos novos fatores introduzidos pelos europeus, o hábito dos Guaicurus de invadir aldeamentos Guaranis já acontecia desde muito antes da chegada dos colonizadores, para além da posse dos meios de subsistência, essas incursões aconteciam também para a obtenção de cativos e por retaliação de agressividades Guaranis, de acordo com Susnik:

entraban en las aldeas cario-guarani de la otra orilla aprovechándose de sus cultivos, de lugares de buena caza y pesca, proveyéndose de adolescentes para exigir abundantes rescates y obteniendo también algunos scalps para adquirir el derecho “al peinado” del guerrero de prestigio o vengar la victimación antropofágica de alguno de los suyos. No se trataba de una ocupación permanente de las tierras carios, pero sí de su aprovechamiento periódico. (Susnik, 1978. p.80)

A partir da fala da autora, podemos aferir que as incursões violentas dos Guaicuru contra os indígenas Guaranis encomendados são o seguimento de relações hostis muito anteriores à invasão europeia. Entretanto, a partir da chegada dos colonizadores, somam-se outros fatores que contribuem para a continuação desses hábitos – como o avanço étnico Guarani – e a incorporação dos povoados espanhóis nas rotas de ataque dos Guaicurus em busca dos novos elementos culturais bélicos introduzidos, sobretudo o cavalo europeu.

Em 1592, ano dos acontecimentos aqui analisados, os Guaicurus passavam por uma grande reestruturação social causada pela adoção do cavalo europeu. A sua transformação equestre permitiu que os Guaicurus experimentassem grande mobilidade, além das vantagens encontradas em suas táticas de guerra de incursões rápidas e periódicas, a equitação se mostrou um elemento de grande integração entre as tribos semi-nômades caçadoras. A partir desse momento, em fins do século XVI, passaram a obter maior sucesso em seus ataques, o que resultou no aumento de sua atividade guerreira de saques a povoados espanhóis e outros povos indígenas. Além disso, ocorreram também mudanças em seu padrão de subsistência a partir da implementação de técnicas de caça a cavalo, que possibilitou a ampliação de seus territórios. As vantagens bélicas experimentadas a partir da cavalaria originaram uma classe de militares líderes e guerreiros (Herberts, 1998. p.46). Essa reorganização dos indígenas Guaicuru a partir da equitação fez com que suas hostilidades com povos vizinhos – tanto indígenas quanto europeus – não fosse mais empregada como forma de subsistência, mas como sua principal atividade econômica, o que resultou numa oportunidade crescente para o acúmulo de recursos (Galvão, 1963. p.227).

A segunda estratégia adotada pelos Guaicurus seja talvez a mais importante para a sobrevivência de sua etnia: a adoção do cavalo. Conforme citado, o desenvolvimento equestre dessa etnia ocorreu em fins do século XVI, coincidindo com o mesmo recorte temporal em que a fonte foi produzida. Dessa forma, corroborando com os autores, em diversos momentos é observado o relato de que essa etnia estava roubando cavalos das chácaras ao entorno de Asunción, sendo uma queixa comum nos depoimentos. Um dos encomenderos processados relata que é comum “hazer los guaicurus y guatas muchos roubos e hurtos de cavallos y otros” (Processo Crime, 1592. p.19). Em outro depoimento, afirma-se que “a ver los dichos guaicurus hecho grandes roubos y hurtos de cavallos y cometido otros delitos” (Processo Crime, 1592. p.21). Por fim, em outro trecho do documento lemos que “es publico y notorio en esta ciudad q los dichos guaycurus despues q hizieron el dicho daño an hecho y cometido otros muchos delitos hurtando gran suma de cavallos de los vezinos” (Processo Crime, 1592. p.34-35).

Corroborando com a contemporaneidade da transformação equestre dessa etnia, a fonte nos permite afirmar que no ano de 1589 os Guaicurus já se reorganizavam a partir da adoção do cavalo europeu. Apesar de não haver menções na fonte de que os ataques tenham ocorrido com uso do cavalo, é muito provável – por conta do *ethos* belicoso Guaicuru, e pelo espanto causado quando esses indígenas se viram frente a frente com as “bestas” pela primeira vez – que o uso bélico do cavalo tenha sido o principal motivo para a transformação equestre desse povo, e não uma consequência. Apesar da menção frequente aos roubos de cavalo na fonte, quase nada se registra sobre o quantitativo de cavalos roubados. Dessa forma, apenas um dos relatos pode nos oferecer um panorama da quantidade de cavalos que eram apropriados pelos Guaicuru: “yntolerables males como antes e despues aca an hecho (...) y en los dichos yndios como en aver juntado y llevado mas de quinyentos o mil cavallos” (Processo crime, 1592. p.29). A partir desse número, de quinhentos a mil cavalos, podemos concluir que não se tratava somente de furtos ocasionais ou de ações isoladas, mas de uma estratégia bem elaborada e pensada para explorar o uso do animal por essa etnia, garantindo a utilização desse recurso. Esse grande volume nos indica que havia um esforço estratégico em se apropriar da equitação, e consequentemente de seus benefícios – sobretudo militares.

A terceira estratégia empregada pelos Guaicurus foi o estabelecimento de relações comerciais com a cidade de Asunción. Apesar de pouco presente no processo criminal analisado, as relações comerciais entre os Guaicurus e os espanhóis foram de suma importância para o aproveitamento de recursos europeus por parte dos nativos. Da mesma forma com que os espanhóis dependiam dos recursos indígenas para sua sobrevivência, os Guaicurus se aproveitavam disso para visitarem a cidade de Asunción em momentos de paz estabelecida e oferecer seus produtos, normalmente carnes de caça, mantas e couro. Essas visitas, entretanto, levantavam suspeitas quando ocorriam, pois

normalmente serviam para preparar um futuro ataque (Herberts, 1998. p.45). Essas dinâmicas comerciais estabelecidas permitiam aos Guaicurus trocar os seus produtos por metais para a confecção de armas, lanças longas europeias e facas. Além disso, aproveitavam para realizar trocas com os Guaranis – conforme citado anteriormente no relato de Cabeza de Vaca. Na fonte analisada, as relações comerciais podem ser observadas em breves trechos de depoimentos, entretanto todos dizem respeito a venda das *piezas* cativadas, não fazendo menção aos produtos Guaicurus. Em um dos relatos, um dos acusados afirma que: “es publico y notorio en esta ciudad que los dichos yndios guaicuru an traído a vender muchas piezas de las que cautivaran” (Processo crime, 1592. p.3).

A quarta estratégia traçada pelos indígenas Guaicurus, que pode ser observada na fonte, é a suposta aliança que os indígenas guaicurus tinham com o então governador da província. No ano de 1589, a cidade de Asunción tinha como governador o capitão Alonso de Vera y Aragón, que ocupou esse cargo até o ano de 1592, quando seu sucessor Hernandarias de Saavedra assumiu o posto. Passados alguns meses como governador, Hernandarias abriu processo contra os seis encomenderos cujos indígenas foram atacados três anos antes e que não tomaram as diligências necessárias. Os encomenderos processados foram convocados um a um para interrogatório, teceram suas defesas mas foram condenados – como pena, tiveram de pagar alguns tributos para auxiliar a obra da Igreja. Entretanto, durante os interrogatórios, os encomenderos afirmaram que tiveram suas encomiendas de indígenas assaltadas, mas não buscaram tomar as diligências necessárias pois o governador de Asunción Alonso de Vera y Aragón, sabendo dos ataques, permitiu que os Guaicurus viessem a Asunción vender e pedir o resgate das *piezas* cativadas (Proceso Crime, 1592). Assim como no caso do furto de cavalos, esse relato é constante no processo criminal:

el capitán Alonso de Vera y Aragon lo del dicho adelantado el qual como es notorio favorecia mucho a los dichos guaicurus y las piezas que traian a vender de las dichas encomiendas de cururucaen mandava a los vezinos y dueños dellas las pagassem a los dichos guaicurus y no queria darlas ny que se las diesen de otra manera y viendo este no se atrevio a pedir cosa alguna contra ellos todo es q [ileg] y que esta es y fue la causa principal por que no hizo diligencia alguna y la verdad por el juramento que tiene hecho (Processo Crime, 1592. p.17).

Em outro depoimento, um dos encomenderos processados afirma que:

no dejaron a este confesante mas de hasta doze yndios de mas de quarenta que eran y que a esta ciudad trajeron hasta cinco o seis piezas de los yndios deste confesante a vender dos dichos guaicurus las quales rrescato este confesante dando como dio por ellas hasta la camisa del cuerpo porque de otra manera el

capitán Alonso de Vera y Aragon que a la sazón gobernava no queria que las tomasen de los dichos guaicurús porque les favorecia mucho (Processo Crime, 1592. p.18)

Outro dos acusados afirmou que não tomou as diligências necessárias pois:

de miedo del capitán Alonso de Vera y Aragon que a la sazón tenente de governador en esta ciudad y temiendo q no le haria justicia porque favorecia mucho a los dichos yndios guaicurús [...] poren merecian muchas penas y castigo no los castigava aun que los tenia en su casa y en esta ciudad y que antes volvia mucho por ellos y los favorecia (Processo crime, 1592. p.19)

Por fim, uma das testemunhas relata que:

vio q los dichos guaicurús vinieron a esta ciudad despues que hizieron el dicho daño en los dichos yndios y trajeron muchas piezas que avian cautivado del dicho pueblo de cururucaen a vender e [ileg] y que el capitán Alonso de Vera y Aragon que a la sazón gobernava les consentia a los dichos guaicurús vender las dichas piezas y mandava a sus encomenderos pagasen y diessen rescate a los dichos guaicurús por las piezas q traian (Processo crime, 1592. p.34)

Dessa forma, a fonte sugere que o governador Alonso de Vera y Aragón, sabendo dos ataques Guaicurús às *encomiendas*, permitia que os indígenas viessem a Asunción para negociar as *piezas* cativadas, além de coagir os encomenderos a pagarem o seu resgate. Além de não permitir que os encomenderos as tomassem de volta, o governador não oferecia aos Guaicurús nenhuma consequência por seus atos, mas os recebia em sua casa e os favorecia. A partir desses trechos, fica evidente uma articulação entre os Guaicurús e o governador Alonso de Vera y Aragón. Cabe também uma reflexão acerca da abertura do processo por si só: teve de ser feita por outro governador três anos depois dos ocorridos – o que corrobora com a hipótese de que os Guaicurús estavam articulados com o governador da província. Esse fato pode ser interpretado como uma evidência de que a relação entre o governador e os Guaicurús não era apenas tolerante, mas de uma aliança estratégica.

A partir da análise as fontes empregadas, foi possível analisar quatro estratégias desenvolvidas pelos Guaicuru frente ao processo colonial espanhol durante o fim do século XVI: o assalto às *encomiendas* como forma de frear o avanço étnico Guarani; a adoção do cavalo europeu que reestruturou a organização dessa etnia, e os permitiu experimentar maior poderio bélico em suas incursões; o estabelecimento de relações comerciais com a cidade de Asunción, que os permitiu se apropriar de elementos culturais introduzidos pelos europeus; e a articulação dos indígenas junto do governador da cidade de Asunción.

## 5. A complexidade do mundo colonial.

O presente trabalho teve como um de seus objetivos elucidar a complexidade do mundo colonial, para além das simplificações genéricas de invasão europeia e resistência indígena. Como podemos aferir no caso da bacia platina, o processo de conquista, fixação e expansão dos territórios subjulgados não foram lineares, e dependiam de inúmeros fatores que pouco diziam respeito aos espanhóis. A cidade de *Asunción*, por exemplo, teve muitas dificuldades após sua fundação, devido principalmente ao despovoamento de *Buenos Aires*, que era sua principal rota via *Rio de la Plata*. Tal fato fez com que os espanhóis dessa província dependessem muito mais das alianças com os grupamentos indígenas para sobreviver, pois ficaram ilhados em meio ao continente.

A “conquista” espanhola, muito por conta da forma com que os conquistadores apresentavam seus feitos de forma heróica, tende a simplificar processos históricos muito mais complexos e que demandaram muito mais tempo do que nos é apresentado. De acordo com Restall, quando simplificamos como “conquista” todo o processo de invasão, exploração, ocupação e expansão, acabamos por reduzir o processo a uma narrativa teleológica da inevitável vitória hispânica (Restall, 2006. p.128). Entretanto, até que ponto podemos atribuir o termo “conquista” da cidade de *Asunción* ao ano de 1537 se, já no final do século XVI, a permanência e subsistência da cidade dependia mais dos indígenas do que dos espanhóis? Um governador que se articula com indígenas tidos como inimigos a fim de evitar ataques em sua cidade mostra que a conquista, se é que aconteceu, não teve sua conclusão finalizada por algum tempo.

Em um contexto de um embate secular, temos os Guaicurus de um lado, com sua tradição guerreira, e os Guaranis de outro, com suas grandes nações. No meio disso, aparecem os espanhóis, que apesar de se aliarem aos sedentários Guaranis, forneceram indiretamente os recursos bélicos para que os Guaicurus se tornassem os maiores inimigos da cidade de *Asunción*. Inseridos nesse grande panorama, surgem os atores sociais que protagonizam suas próprias Histórias: um governador espanhol que se articula com indígenas inimigos; Guaicurus que encontram nos recursos europeus maior poderio frente aos próprios; Guaranis que aproveitam a presença espanhola para defender interesses locais; governador que processa encomenderos por não terem cuidado de seus indígenas. Neste trabalho, é perceptível como a trama das vontades dos sujeitos históricos esteve sempre em pauta, visto que a simplificação do processo como se tratasse apenas de uma disputa de espanhóis contra indígenas em nada explica – ou contribui – a dimensão das complexas relações sociais presentes no mundo colonial.

O presente trabalho teve como objetivo analisar as estratégias traçadas pelos indígenas Guaicuru frente ao processo colonial espanhol. Para essa análise, foi necessário se apropriar das

discussões mais recentes no campo da História Indígena, sobretudo sobre a concepção das agências indígenas, que nos permite analisar os povos nativos como agentes históricos que se articulavam e agiam conforme seus interesses e necessidades. A partir dessa chave de leitura foi possível analisar as fontes, e com auxílio da bibliografia, chegar aos resultados que aqui constam. Além de se somar com a historiografia no campo da História Indígena, a partir desse trabalho também é possível visualizar a complexidade do mundo colonial, que muitas vezes é reduzida a uma dicotomia simplista, que tende a tratar os povos indígenas como objeto de dominação, capazes apenas de resistir aos avanços da “civilização”.

## REFERÊNCIAS

- BOGGIANI, Guido. **Etnografía del Alto Paraguay**. Boletín del Instituto Geográfico Argentino, Buenos Aires, XVIII, p. 3-15, 1898.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nunes. **Naufrágios e comentários**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CANDELA, Guillaume. **Reflexiones de clérigos y frailes sobre las deportaciones indígenas en la conquista del Paraguay entre 1542 y 1575**. Chungará (Arica), v. 50, n. 2, p. 331-339, 2018.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa**. História (São Paulo), v. 30, p. 349-371, 2011.
- DE ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. Companhia das Letras, 2020.
- ELLIOTT, J. H. **A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII**. In: BETHELL, Leslie (Org.). História da América Latina: América Latina colonial. São Paulo: Edusp, 1997.
- GALVÃO, Eduardo. **O cavalo na América indígena: nota prévia a um estudo de mudança cultural**. Revista do Museu Paulista, v. 14, p. 222-232, 1963.
- GERARDO, Pérez; ROSELLY, Diana. **Mito, guerra y utopía: formas de resistência indígena en la América colonial**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2021.
- HERBERTS, Ana Lucia. **História dos Mbayá-Guaicurú: panorama geral**. Fronteiras, v. 2, n. 4, p. 39-76, 1998.
- INOCENCIO, Bruno Felipe Ferreira. **“El infierno de los yerbales”**: encomienda e trabalho indígena no Paraguai colonial (1600-1632). 2022.
- PALOMEQUE, Silvia. **El mundo indígena**. Siglos XVI-XVIII. Nueva Historia Argentina, v. 2, p. 86-143, 2000.
- PERUSSET, Macarena. **Reglamentación jurídica vs. usos y costumbres en el Paraguay colonial temprano**. Antíteses, v. 2, n. 4, p. 991-1010, 2009.
- Proceso de oficio de la Real Justicia a varios indios por asaltos y crímenes cometidos a los vecinos encomenderos en el pueblo de Curucaen, 1592. Sección Civil y Judicial. Archivo Nacional de Asunción, vol. 1451 n°2.
- RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Tradução de Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ROULET, Florencia. **La resistencia de los guaraní del Paraguay a la conquista española (1537-1556)**. Editorial Universitaria, 1993.

ROULET, Florencia. **Violencia indígena en el Río de la Plata durante el período colonial temprano: un intento de explicación.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2018.

SCHMÍDEL, Ulrich. **Viaje a lo Río de la Plata 1534-1554.** Epublibre, 2017. Disponível em: <https://archive.org/details/schmidel-ulrich.-viaje-al-rio-de-la-plata-1534-1554-1599-2017/page/n1/mode/2up>

SPÓSITO, Fernanda. **Santos, heróis ou demônios? Sobre as relações entre índios, jesuítas e colonizadores na América Meridional (São Paulo e Paraguai/Rio da Prata, séculos XVI-XVII).** 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

STERN, Steve. **Paradigmas de la conquista: historia, historiografía y política.** Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani, v. 6, p. 7-39, 1992.

SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay.** 3, 1. El Chaqueño. Museo Etnografico "Andres Barbero", 1971.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay: Etnología del Chaco Boreal y su periferia.** Museo Etnografico "Andres Barbero", 1978.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay: etnohistoria de los chaqueños.** Museo Etnografico "Andres Barbero", 1981.

TORRES, Diego de. Carta Anua de 15 de Febrero a 10 de Mayo de 1612. Documentos para la Historia Argentina. T. XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. (1609-1614). Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1927, p. 481-545.

VILARDAGA, José Carlos. **Fronteiras instáveis e alianças cambiantes: a ocupação colonial do Guairá e as relações entre Villa Rica del Espiritu Santo e São Paulo de Piratininga entre os séculos XVI e XVII.** Revista de Indias, v. 79, n. 277, p. 659-695, 2019.